



Valorização da dança afro em sala de aula: Afrocentricidade e educação

Edmilton Amaro da Hora Filho

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4933465694751176>

E-mail: pretohora@hotmail.com

Cledson Severino de Lima

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

LATEES: <http://lattes.cnpq.br/9287092292546502>

E-mail: cledsonfugao@hotmail.com

RESUMO

A dança, como forma de expressão humana, traz consigo uma rica história que remonta aos tempos mais antigos. Embora seja frequentemente enquadrada como arte, sua versatilidade vai além, sendo utilizada não apenas para fins artísticos, mas também como meio de comunicação entre seres humanos e, em algumas culturas, como uma forma de conexão com divindades. Desse modo, a dança não apenas enriquece a esfera artística, mas também se entrelaça com a experiência humana, tornando-se intrínseca ao nosso ser e existir no mundo.

Palavras-chave: Dança, Fins artísticos, Experiência humana.

1 INTRODUÇÃO

A dança, como forma de expressão humana, traz consigo uma rica história que remonta aos tempos mais antigos. Embora seja frequentemente enquadrada como arte, sua versatilidade vai além, sendo utilizada não apenas para fins artísticos, mas também como meio de comunicação entre seres humanos e, em algumas culturas, como uma forma de conexão com divindades. Desse modo, a dança não apenas enriquece a esfera artística, mas também se entrelaça com a experiência humana, tornando-se intrínseca ao nosso ser e existir no mundo.

Além disso, a dança desempenha um papel fundamental na celebração de rituais culturais e eventos sociais, refletindo a diversidade e a identidade de comunidades ao redor do globo. Através de movimentos graciosos e coreografias meticulosamente elaboradas, as tradições ancestrais são preservadas e transmitidas de geração em geração. Nesse contexto, a dança não apenas perpetua as narrativas culturais, mas também proporciona um meio dinâmico para expressar a alegria, a tristeza, a resistência e a solidariedade, consolidando-se como uma linguagem universal que transcende fronteiras e conecta indivíduos em uma tapeçaria global de experiências humanas.

No Continente Africano, a dança desempenha um papel central em diversas culturas, consolidando-se como uma das formas de arte que unifica toda a região, reafirmando identidades mesmo em contextos de



diáspora africana. Essa manifestação artística transcende fronteiras geográficas, conectando povos tanto dentro do continente como descendentes espalhados pelo mundo, consolidando a dança como uma expressão que identifica a africanidade.

Portanto, a dança na África não é apenas uma expressão artística, mas um pilar que sustenta as raízes culturais e a coesão social. Ela é uma poderosa ferramenta de resistência e resiliência, evidenciando a riqueza e a diversidade das tradições africanas. Ao longo dos séculos, a diáspora africana levou consigo os ritmos e movimentos, transformando a dança em um elo palpável que mantém viva a conexão com as origens.

Em eventos e celebrações, seja no continente ou em comunidades afrodescendentes, a dança continua a ser um meio de celebração da africanidade, promovendo o entendimento e a apreciação de uma herança cultural profundamente enraizada. Assim, a dança transcende sua natureza performática e se torna um símbolo de resistência, preservação e celebração da rica herança cultural africana.

Para o africano e afrodescendente, a dança vai além do movimento físico; ela revela concepções de uma sabedoria ancestral, estabelecendo uma ligação profunda entre a consciência e o corpo. Nesse contexto, a dança se torna um meio complexo de comunicação, no qual a transmissão de conhecimento e experiências não se limita à palavra escrita, mas emerge da vivência do ser no mundo.

Dessa forma, a dança assume um papel holístico e sagrado na compreensão do mundo para o africano e afrodescendente. Ela não apenas reflete a diversidade cultural e a expressão artística, mas também serve como um canal para a preservação da memória coletiva e a continuidade de tradições ancestrais.

Os movimentos, ritmos e gestos encapsulam narrativas que resistiram ao teste do tempo, transmitindo valores, mitos e a história de um povo. Ao integrar a dança em suas vidas, essas comunidades cultivam uma conexão profunda entre passado, presente e futuro, construindo pontes entre gerações e fortalecendo uma identidade cultural que transcende as fronteiras geográficas e temporais. Assim, a dança emerge como um legado vivo, enraizado na essência da experiência africana, tecendo uma teia de significados que vai além do efêmero, conectando corações, mentes e espíritos.

Em celebração ao Dia e Mês da Consciência Negra, realizamos uma significativa atividade em sala de aula, focada na exploração da dança africana junto aos alunos da escola. Essa envolvente experiência teve como base o desenvolvimento de uma coreografia inspirada no ritmo tradicional africano conhecido como Kuduro, proporcionando não apenas uma expressão artística, mas também uma imersão na riqueza cultural e histórica desse estilo de dança.

Nesse contexto, a dança não foi apenas uma manifestação estética, mas uma jornada para desbravar a riqueza cultural e histórica do continente africano. Durante o processo de aprendizado, os alunos não



apenas dominaram os passos do Kuduro¹, mas também absorveram a essência da dança como meio de comunicação e celebração. Ao explorar os movimentos enérgicos e os ritmos pulsantes, eles não apenas se conectaram com a expressividade artística, mas mergulharam em uma experiência que transcendeu as fronteiras do tempo e do espaço.

Essa iniciativa, realizada em honra ao Dia e Mês da Consciência Negra, não apenas promoveu a apreciação da diversidade cultural, mas também destacou a importância de reconhecer e celebrar as contribuições significativas da comunidade africana para a tapeçaria global da humanidade. Ao final dessa experiência, não apenas celebramos a dança, mas também fortalecemos os laços de compreensão e respeito mútuo, contribuindo para a construção de uma consciência mais ampla e inclusiva em nossa comunidade educacional.

2 OBJETIVO

Apresentar os resultados de uma oficina de dança africana realizada na escola.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Divulgar estratégias didáticas para a abordagem da cultura afro em sala de aula;
- Promover debates sobre a Afrocentricidade;
- Valorizar a riqueza da cultura afro.

3 METODOLOGIA

A abordagem escolhida para investigar a temática incluiu uma profunda pesquisa nos recursos oferecidos pelo Google Acadêmico. Inicialmente, empregamos os descritores "Dança afro", "Lei nº 10.639/03", "Afrocentricidade" e "Educação" como ponto de partida para identificar estudos e informações relevantes. Essa estratégia permitiu uma exploração abrangente e fundamentada, utilizando a plataforma acadêmica para acessar fontes que abordam aspectos específicos da dança afro, as implicações legais da Lei nº 10.639/03, a perspectiva da Afrocentricidade e sua interseção com o campo educacional.

Após a análise inicial, identificamos 10(dez) documentos, optando pela seleção daqueles mais estreitamente relacionados ao nosso tema. A refinada escolha foi posteriormente aprimorada ao dar prioridade a trabalhos que estabelecessem uma conexão direta com nossos objetivos de pesquisa, conforme delineado na tabela subsequente. Esse processo meticuloso assegurou a relevância e a pertinência das fontes

¹ O Kuduro surge no final dos anos 80, inicialmente como uma dança, e ao longo do tempo evolui para um gênero musical, um estilo de house africano que mistura elementos eletrônicos com o folclore tradicional. Ele foi desenvolvido pelo povo de Luanda.



escolhidas para aprofundar nossa compreensão sobre a temática em questão em 02(dois) trabalhos. Veja a tabela a seguir:

Tabela 01

TRABALHOS ENCONTRADOS NA REVISÃO DA LITERATURA	
RÉGIS & BASÍLIO, 2018.	Currículo e Relações Étnico-Raciais: o Estado da Arte. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 33-60, maio/jun. 2018.
OLIVEIRA, 2022.	ONDE ESTÁ A DANÇA DA PRETAGOGIA?: Metodologia antirracista para criar e ensinar dança.- VOLUME 2, REVISTA CIDADE NUUVENS, CENTRO DE ARTES-URCA, ISSN 2675 - 6420. 2022.

Fonte: Google Acadêmico, 2023.

Ao provocar a reflexão sobre "o que é considerado valioso para integrar os currículos escolares e o que é desconsiderado?", Régis & Basílio (2018) oferecem insights cruciais sobre essa indagação. No cerne de sua análise, os autores exploram a dinâmica complexa de seleção de conteúdos curriculares, destacando não apenas o que é incorporado, mas também o que muitas vezes é negligenciado.

Nessa perspectiva, a contribuição de Régis & Basílio transcende a simples interpelação, fornecendo uma visão aprofundada sobre as implicações e os critérios subjacentes ao processo de determinação do valor atribuído aos elementos curriculares. Essa abordagem crítica instiga uma reflexão mais profunda sobre as escolhas educacionais e seu impacto na formação dos alunos, convidando-nos a considerar atentamente as implicações pedagógicas e sociais dessa seleção.

O conhecimento corporificado nos currículos tem sido predominantemente eurocêntrico. No Brasil, as críticas ao currículo eurocêntrico foram impulsionadas após a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. (RÉGIS & BASÍLIO, 2018, p. 34).

Corroboramos o fato de que a luta dos Movimentos sociais Negros conseguiu avanços significativos a partir da instauração da Lei nº10.639/03. Esta lei foi assinada pelo Presidente Luis Inácio Lula da Silva vem a afirmar a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afrodescendente em sala de aula. Desta forma, esta Lei modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e é um marco histórico da luta dos negros no Brasil.

Ainda observando os trabalhos fruto da revisão sistemática adotada, Oliveira(2022), tendo como objetivo o de apontar como a Pretagogia pode ser inserida no campo de conhecimento da Dança como metodologia antirracista de ensino e criação. Oliveira(2022) ressalta o seguinte,

Esse caminho desobediente é necessário também porque visa combater técnicas de controle das subjetividades mesmo num campo artístico que se propõe a questionar violências sociais, porém no seu interior reproduz lógicas de subordinação e exclusão de corpos.(OLIVEIRA, 2022, p.57).



A autora destaca a importância de sistematizar e registrar estudos como este como uma estratégia fundamental no combate a outra faceta do racismo estrutural, conforme enfatizado por Oliveira (2022, p. 57). Essa premissa ressalta a necessidade de documentar e organizar análises que abordem aspectos específicos do racismo estrutural, com o propósito de criar um acervo que não apenas evidencie suas manifestações, mas também proporcione subsídios para a implementação de ações efetivas e transformadoras.

Ao sugerir a sistematização desses estudos, a autora instiga uma abordagem mais abrangente e articulada na resposta ao racismo, destacando a importância de não apenas reconhecer, mas também estruturar um conhecimento que possa servir como base para intervenções e políticas públicas que enfrentem as raízes profundas dessa problemática social.

Assim, a dança na África transcende a mera expressão artística, consolidando-se como um pilar que sustenta as raízes culturais e promove a coesão social. Ela se revela como uma poderosa ferramenta de resistência e resiliência, destacando a riqueza e a diversidade das tradições africanas. Ao longo dos séculos, a diáspora africana carregou consigo os ritmos e movimentos, conferindo à dança um papel tangível que preserva e alimenta a conexão viva com as origens. Após a aproximação com a temática criamos as relações com nosso processo de análise do trabalho desenvolvido em sala de aula.

4 DESENVOLVIMENTO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Antes de introduzirmos as atividades em destaque, julgamos crucial situar as características essenciais da instituição educacional em foco. A Escola Municipal Albenice Maria da Silva (foto 01) está situada no endereço Rua Vitória Régia, 744 - Dois Carneiros, Jaboatão dos Guararapes - PE, 54270-060. Essa contextualização proporciona uma compreensão mais abrangente do ambiente em que as atividades foram implementadas, destacando a importância do contexto físico e geográfico da Escola Municipal Albenice Maria da Silva.



Foto 01: Escola Municipal Albenice Maria da Silva.



Fonte: Edmilton Hora, 2023

O público-alvo da instituição de ensino abrange o Ensino Fundamental II, distribuindo-se do 6º ao 9º ano, com alunos na faixa etária de 11 a 14 anos. No bairro de Dois Carneiros, Jaboatão dos Guararapes, observa-se uma predominância de mulheres em relação aos homens, refletindo a demografia local, onde a população é composta por 51,49% de mulheres e 48,51% de homens, de acordo com o IBGE (2010). Essa característica demográfica também se manifesta na Escola, resultando em um número total de alunos matriculados inferior ao de alunas.

Os estudantes da instituição pertencem não apenas ao próprio bairro, Dois Carneiros, mas também às comunidades circunvizinhas. O bairro de Dois Carneiros faz fronteira com os bairros de Santana, Sucupira, Socorro e Pacheco em Jaboatão-PE, e com os bairros do Barro e Cohab em Recife-PE. Nesse contexto, destaca-se a predominância de alunos e alunas oriundos do próprio bairro, refletindo a forte presença da comunidade local nas matrículas totais da escola.

Ao falar da estrutura da Escola, abordamos os elementos físicos (espaço, instalações, materiais) e organizacionais. Podemos falar em uma escola de grande porte e com dois blocos de área construída não arborizada e com uma grande quadra poliesportiva. As instalações são bem satisfatórias com dez salas de aula, biblioteca, Laboratório, uma área de convivência coberta e banheiros. Consideramos que essa estrutura está acima do padrão da maioria das escolas municipais de Jaboatão dos Guararapes. Na estrutura organizacional a Escola conta com o ensino fundamental II distribuídas nos horários da manhã e tarde. Também conta com o Ensino de Jovens e Adultos – EJA no período noturno.

A realização desta atividade reforça a imperatividade de incorporar urgentemente os saberes afrodescendentes no âmbito educacional. Esta urgência é evidente no contexto brasileiro, estadual, municipal, na comunidade local e na própria escola, destacando a necessidade premente de combater a discriminação, o preconceito e, sobretudo, enfrentar o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019). Este último é



resultado de décadas de ausência de práticas escolares que reconheçam e abracem a rica pluralidade étnica que caracteriza o Brasil. O engajamento nessa atividade não apenas ressalta a importância desse enfrentamento, mas também representa um passo significativo em direção a uma educação mais inclusiva e consciente da diversidade.

A conclusão desta atividade destaca de forma enfática a imperiosa importância de integrar os saberes afrodescendentes no cenário educacional. Essa urgência torna-se incontestável quando observamos que, em diferentes escalas, no Brasil, nos estados, municípios, nas comunidades locais e nas escolas, é crucial enfrentar a discriminação, o preconceito e, principalmente, o arraigado racismo estrutural, conforme abordado por Almeida (2019). O engajamento nessa reflexão ressalta não apenas a necessidade, mas a urgência de transformar os paradigmas educacionais para promover uma abordagem mais inclusiva, equitativa e sensível à diversidade cultural brasileira.

A persistência desse desafio reflete anos de negligência em práticas educacionais que deixaram de reconhecer a riqueza da diversidade étnica brasileira. Ao reconhecer a importância dessas aprendizagens, não apenas abrimos portas para a compreensão e respeito mútuo, mas também semeamos as bases para uma transformação social. Essa transformação visa promover a equidade e a inclusão em todas as esferas da nossa sociedade, cultivando um ambiente mais justo e acolhedor para todos.

4.2 AFROCENTRICIDADE

A teoria da Afrocentricidade emerge como um campo epistemológico vital, oferecendo uma perspectiva rica e inovadora para pesquisadores e intelectuais, tanto negros quanto não negros, que buscam uma abordagem não hegemônica. Ela se destaca por promover diálogo e colaboração, desafiando a imposição de narrativas únicas e absolutas. Ao reconhecer a diversidade de experiências e conhecimentos, a Afrocentricidade proporciona um terreno fértil para a construção de entendimentos mais inclusivos e representativos, contribuindo assim para um enriquecimento do discurso acadêmico e social (LIMA, 2020).

A Teoria da Afrocentricidade também enfatiza a importância de reexaminar a história, cultura e contribuições das pessoas negras, destacando a necessidade de descolonizar o conhecimento e superar narrativas eurocêntricas que historicamente marginalizaram e desvalorizaram as experiências afrodescendentes. Essa abordagem procura empoderar as comunidades negras, promovendo um senso de identidade cultural positiva e estimulando o ativismo social e político voltado para a promoção da igualdade e justiça. A Teoria da Afrocentricidade tem influenciado diversos campos, incluindo estudos afro-americanos, estudos africanos e questões de justiça social, desempenhando um papel significativo na busca por uma compreensão mais inclusiva e equitativa da história e da sociedade (LIMA, 2019).

A Afrocentricidade e suas categorias representam uma resposta significativa às experiências sociais, históricas e culturais das pessoas negras, que têm sido sistematicamente deslocadas e marginalizadas pela



hegemonia eurocêntrica. Essa abordagem epistemológica não apenas reivindica a herança cultural e histórica das pessoas negras, mas também desencadeia um movimento de autovalorização e empoderamento. Conforme Asante (2013) observa, a Teoria da Afrocentricidade promove um enegrecimento, uma conscientização abrangente que abarca dimensões pessoais, sociais, culturais, políticas e intelectuais. Ao fazer isso, ela capacita as pessoas negras a se tornarem agentes ativos na construção de suas próprias narrativas históricas e no combate ao racismo sistêmico, influenciando positivamente suas vidas e comunidades (LIMA, 2018).

O paradigma afrocentrado, é uma teoria científica desenvolvida por Molefi Kete Asante nos anos de 1970. A Afrocentricidade trabalha a representatividade do povo africano e dos afrodescendentes. O trabalho de Asante tem a ver com a utilização de referenciais africanos e afrodescendentes para tratar de assuntos que digam respeito ao legado cultural dos próprios africanos e de seus descendentes, bem como que as pessoas com origem afro possam tratar, escrever e debater as suas relações sociais e históricas. Sendo assim, entendemos que

(...) a compreensão da cultura africana deve começar, de uma vez por todas, com o descarte da noção de que, em todos os aspectos, a Europa é a mestra e a África, a discípula. Este é o ponto central do nosso argumento: o imperialismo da tradição intelectual e a sua obra epistemicida - que extermina saberes e tecnologias - buscando afirmar uma "fala" africana, na contramão dos teóricos em geral, que tendem frequentemente a generalizar a partir de uma base eurocêntrica. (LOPES; SIMAS, 2021, p. 15 -16.)

Por diversos fatores, observa-se que esse tipo de pensamento no momento que os africanos e seus descendentes não percebem, a base artística, política e histórica de seu próprio povo. Assim, acabam adotando como referência os padrões europeus até para escrever sobre assuntos que tratam de sua própria identidade e origem.

Em sua pesquisa no final da década de 1970, Asante abordou questões cruciais de identidade na África, chegando à conclusão de que existe uma normalização global, inclusive dentro do próprio continente africano, de uma falsa superioridade atribuída ao continente europeu e aos Estados Unidos. O estudo ressalta a persistência de narrativas que perpetuam essa visão distorcida, destacando a importância de desafiar e desconstruir esses padrões de pensamento para promover uma compreensão mais autêntica e justa da diversidade cultural e histórica africana.

Sabemos que, durante muito tempo, a África foi empobrecida em favorecimento de Metrôpoles européias, pois, a maior parte da África foi colonizada e explorada pelos britânicos, espanhóis, portugueses, entre outros povos vindos da Europa. De forma geral, é por pouco conhecer o Continente africano que acabamos construindo uma visão limitada. Segundo Asante (2013),



O continente africano não é pobre, embora os povos africanos muitas vezes estejam em situação de pobreza. África tem terra arável suficiente para alimentar toda a terra, mas em alguns países, as pessoas lutam regularmente contra a fome. Isso é o que os outros têm chamado de "o paradoxo da África", a terra mais rica com as pessoas mais pobres. (ASANTE, 2013 p.2).

Por conta disso, Asante (2013) criou a corrente filosófica que fala da representatividade africana, bem como, da aceitação necessária aos africanos e afrodescendentes para valorizar a sua própria cultura. Assim, o pensamento afrocentrado têm ocupado espaços na política, e em movimentos sociais que defendem as causas de interesse para a comunidade afrodescendente.

Adotar uma abordagem afrocentrada nas atividades escolares é, essencialmente, reconhecer e valorizar a centralidade da cultura negra nas esferas econômica, histórica, política e artística. Isso implica não apenas em considerar a riqueza e a diversidade das contribuições africanas, mas também em promover uma compreensão mais profunda da influência afrodescendente em diversas áreas do conhecimento. Essa perspectiva transcende a mera inclusão de conteúdos sobre a África, buscando, de maneira mais significativa, situar a experiência africana como um ponto central de referência, enriquecendo assim o entendimento global das dinâmicas sociais, históricas e culturais.

Portanto, o direcionar as atividades escolares de maneira afrocentrada, não estamos apenas redefinindo o cânone educacional; estamos, de fato, enfrentando ativamente os desafios históricos de exclusão e invisibilidade que há muito permeiam o ambiente educacional. Nesse processo transformador, não se trata apenas de acrescentar informações sobre a África, mas de remodelar os fundamentos pedagógicos de modo a reconhecer a cultura negra como parte intrínseca da formação acadêmica.

Dessa forma, avançamos em direção a uma educação mais inclusiva, que não apenas valida as experiências afrodescendentes, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa e respeitosa com as diversas expressões de identidade cultural. Ao fazê-lo, não apenas celebramos a riqueza da diversidade, mas também pavimentamos o caminho para uma compreensão mais profunda e abrangente das complexidades culturais que enriquecem nossa sociedade.

4.3 VALORIZAÇÃO DA DANÇA AFRO EM SALA DE AULA

Desenvolvemos essa atividade, pois acreditamos que o ato de valorizar vai para além da construção de representação positiva de um determinado ponto. Assim, valorizar normalmente entendido como aumentar o valor ou preço de algo pode assumir maiores significados. Desta forma, dar valor também é acrescentar e reconhecer merecimento. Como sinônimos o termo valorizar também inclui melhorar, incrementar, enriquecer, considerar, prestigiar. Nesse entendimento, valorizar a dança afro em sala de aula significa trazer momentos de imersão na própria cultura.



De acordo com a perspectiva afrocentrada (ASANTE, 2013), trabalhamos a centralidade da cultura afro através do tema gerador da atividade que é a Dança Afro. Neste tema, outros demais temas podem ser tratados de forma transversal, como por exemplo, a dança na religiosidade africana e afrodescendente. Desta forma, podemos problematizar o racismo religioso. Muitos aceitam o samba, o maracatu, o afoxé e demais danças tradicionais que tem como matriz a cultura afro. Porém, existe ainda muita discriminação em relação à origem dessas danças que está diretamente ligada ao Candomblé e religiões de Matrizes africanas.

Desta forma, valorizar a dança afro em sala de aula engloba um contexto que abrange a significação da representação da cultura negra como um todo. Entendemos que valorizar como o contrário de desvalorizar, depreciar, rebaixar, desdenhar, menosprezar, desmerecer, desconsiderar. Neste entendimento, ao trabalhar o valor da dança também combatemos o preconceito contra as tradições de matrizes africanas. Pois, podemos aprender a valorizar tradições de matrizes africanas como um todo.

Além disso, é crucial destacar a necessidade de reverter estereótipos prejudiciais ao abordarmos o Continente Africano. Frequentemente, a África é erroneamente reduzida a um estereótipo de fome, miséria e doenças no senso comum. Ao explorarmos e celebrarmos a rica diversidade cultural e a vibrante expressão artística da dança africana, desviamos o olhar de preconceitos arraigados. Nesse sentido, positivar a África não apenas desafia noções simplistas e negativas, mas também oferece uma perspectiva autêntica e enriquecedora que destaca a vitalidade, a resiliência e a beleza que permeiam as muitas facetas desse continente extraordinário. Ao reconhecer a África em toda a sua complexidade e riqueza cultural, contribuimos para uma compreensão mais completa e justa, combatendo estereótipos prejudiciais e promovendo uma visão mais inclusiva e respeitosa da diversidade humana.

4.4 A ATIVIDADE EM SALA DE AULA

Conduzimos uma abordagem dinâmica, permitindo que os alunos mergulhassem nos ritmos cativantes da dança africana de maneira prática e participativa. Essa estratégia não apenas enriqueceu a compreensão teórica, mas também proporcionou uma vivência sensorial, conectando os estudantes de forma mais profunda com as raízes culturais. Através dessa abordagem interativa, fomentamos um ambiente de aprendizado inclusivo e estimulante, onde a expressão corporal tornou-se uma poderosa ferramenta para desvendar os ricos matizes dos ritmos africanos e afrodescendentes.

Começamos a aula falando sobre a importância da dança e da música para o povo africano do Continente e em diáspora. Falamos sobre uma variedade de culturas e países do Continente Africano e das relações com a dança. Pois, para estes povos, a dança desempenha um papel central dentro das diversas culturas reafirmando identidades mesmo em contextos de diáspora africana.

Ao estabelecer uma ponte entre as comunidades dentro do continente africano e as diásporas afrodescendentes globalmente, a dança não apenas celebra a africanidade, mas também se torna um elo

duradouro que fortalece laços culturais e históricos. Essa expressão artística, ao transcender fronteiras, atua como um instrumento poderoso na preservação e disseminação das tradições, contribuindo para a construção de uma identidade afrodescendente globalizada. Assim, a dança emerge como um veículo que não apenas conecta, mas também ressalta a riqueza e a diversidade da herança cultural africana em um contexto global.

Selecionamos a música "Tweyagale" de Eddy Kenzo, executada pelo grupo Masaka Kids Africana Dancing (Foto 02), como base para nossa atividade. Esse conteúdo está disponível no YouTube, destacando-se pela envolvente coreografia ao ritmo do Kuduro. A escolha desse material não apenas proporcionou uma experiência musical dinâmica, mas também enriqueceu nossa abordagem, conectando os participantes a uma expressão cultural vibrante e autêntica.

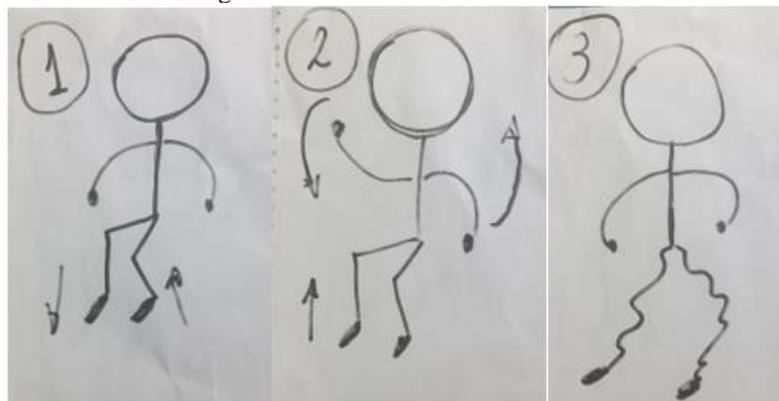
Foto 02: Masaka Kids Africana Dancing (Eddy Kenzo)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=7VDz9ois30k>

Nesta dinâmica, os participantes foram estimulados a se envolver na dança ao ritmo da música, guiados por gestos predefinidos. Os movimentos coreografados foram delineados através de representações visuais, apresentadas por meio de desenhos no quadro branco (conforme ilustrado na Figura 01). Essa abordagem visual proporcionou uma base clara e acessível para a execução dos movimentos, permitindo que os participantes se expressassem de maneira sincronizada e envolvente na experiência da dança.

Figura 01: Desenhos dos movimentos



Fonte: Edmilton Hora, 2023.



Os desenhos despertam a curiosidade dos participantes, aguçando seu interesse. Após a reprodução dos movimentos previamente estabelecidos, os participantes são incentivados a conceber seus próprios movimentos, harmonizando-os com o ritmo da música. Essa etapa da atividade promove a exploração da criatividade individual, permitindo que cada participante contribua com sua expressão única ao contexto da dança, conforme evidenciado na Foto 03. Ao estimular a criação de movimentos originais, a dinâmica não apenas oferece uma experiência participativa mais rica, mas também destaca a interação dinâmica entre a expressividade individual e a pulsação envolvente do ritmo trabalhado.

Foto 03: Alunos dançando



Fonte: Edmilton Hora, 2023.

Na sequência, introduzimos outra atividade que consistia na criação de movimentos corporais espontâneos em resposta ao ritmo da música, conforme evidenciado na Foto 04. Durante essa etapa, explicamos o conceito de como podemos gerar ritmos utilizando nosso próprio corpo. Essa prática estimulou os participantes a explorarem a liberdade expressiva de seus movimentos, incentivando uma conexão mais íntima entre a pulsação sonora e as respostas corporais individuais. A atividade não apenas proporcionou uma experiência envolvente, mas também ressaltou a capacidade única de cada participante em traduzir a musicalidade em expressões corporais autênticas.



Foto 04: Alunos Dançando



Fonte: Edmilton Hora, 2023.

Dessa forma, demonstramos como criar ritmos por meio de palmas e batidas simples, incentivando ativamente os participantes a explorarem uma variedade de ritmos e a desenvolverem seus próprios movimentos, como ilustrado na Foto 05. Essa abordagem prática não apenas proporcionou uma experiência de aprendizado interativa, mas também estimulou a criatividade dos participantes, encorajando-os a expressar sua individualidade na criação de movimentos sincronizados com os ritmos explorados.

Foto 05: Alunos criando movimentos



Fonte: Edmilton Hora, 2023.

Em uma análise mais profunda, a dança transcende não apenas fronteiras geográficas, mas também limites temporais, emergindo como um testemunho vibrante da resiliência e vitalidade intrínsecas à



africanidade. Esse elo cultural não apenas preserva a memória das tradições ancestrais, mas também atua como uma fonte inesgotável de inspiração para novas formas de expressão que se adaptam e evoluem ao longo do tempo. Ao ser celebrada como um componente central da herança cultural africana em um contexto global, a dança não só estabelece conexões profundas, mas também destaca de maneira brilhante a contribuição singular e inestimável que as comunidades afrodescendentes oferecem ao mosaico cultural mundial.

Ao incorporar movimentos, ritmos e gestos, a dança transforma-se em uma narrativa dinâmica que transcende as barreiras do idioma, transmitindo histórias de resistência, celebração e inovação. Nesse sentido, ela não apenas conecta as experiências presentes com um passado rico, mas também abre caminho para um futuro onde a diversidade é celebrada como uma força enriquecedora. Assim, ao reconhecer a contribuição cultural única das comunidades afrodescendentes, a dança não apenas une culturas, mas também destaca a importância de honrar e preservar as raízes que alimentam a riqueza do panorama cultural global.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado, ao conduzir os modelos rítmicos presentes na Dança Afro, o professor estimulou os alunos a executarem seus próprios movimentos de maneira criativa e contextualizada, formando assim novos ritmos. Compreendemos que ao executar esses modelos rítmicos, os alunos têm a oportunidade de criar seus próprios padrões, identificando, portanto, um estímulo à criatividade.

Além disso, também consideramos a possibilidade de ampliar o legado cultural por meio do conhecimento de outras formas musicais que não estão necessariamente diretamente ligadas ao convívio diário dos alunos. Ao desenvolver a dança afro em sala de aula, trabalhamos não apenas a autoafirmação da identidade negra, mas também contribuímos para a construção do conhecimento.

A conclusão destaca a urgência de intensificar os esforços em atividades alinhadas a uma proposta afrocentrada de educação. Tendo em vista que a sociedade brasileira foi historicamente moldada por um paradigma eurocêntrico, brancocêntrico e racista, torna-se imperativo romper com esses padrões dominantes. O reconhecimento dessa estrutura social profundamente enraizada ressalta a necessidade premente de ações que não apenas confrontem, mas também reconfigurem os fundamentos do sistema educacional, incorporando uma perspectiva afrocentrada que valorize e inclua as contribuições históricas e culturais das comunidades afrodescendentes. Portanto, ao reforçar essa convocação por esforços contínuos, destacamos não apenas a urgência, mas a responsabilidade de transformar o cenário educacional para construir uma sociedade mais equitativa e justa.

Ao analisar cuidadosamente o escopo deste estudo, que visa investigar os processos pedagógicos escolares como instrumentos de fortalecimento da Afrocentricidade no combate ao racismo no ambiente



escolar, percebemos que os esforços empreendidos pelo projeto efetivamente se aproximaram e se alinharam a uma proposta afrocentrada de educação. Essa constatação sugere não apenas uma correspondência temática, mas também a eficácia do projeto em incorporar e promover valores, práticas e conhecimentos que refletem uma abordagem mais inclusiva e diversificada no contexto educacional.

Ao centrar as práticas pedagógicas no fortalecimento da Afrocentricidade, o estudo não só contribui para a desconstrução de práticas discriminatórias, mas também destaca a importância de uma educação que reconheça e celebre as diversas contribuições das comunidades afrodescendentes. Dessa forma, evidenciamos não apenas a convergência, mas também a relevância do projeto no avanço de uma educação mais equitativa e antidiscriminatória.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/8R37NgQt56Sf5P58KRfMFzq/?format=pdf;lang=pt>

ASANTE, Molefi. Afrocentricidade e Uma Abordagem para A Paz No Mundo. Disponível em: ASANTE, M. Afrocentricidade e Uma Abordagem para A Paz No Mundo. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/502315582/Molefi-K-Asante-Afrocentricidade-e-Uma-Abordagem-Para-a-Paz-No-Mundo>

ASANTE, Molefi. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. Disponível em: <https://Afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/Afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>

LIMA, Cledson Severino de; REIS, Maria da Conceição dos; NASCIMENTO, Emerson Raimundo do. Reflexões sobre o paradigma afrocentrado na pós-graduação brasileira. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 31, p. 119-135, mai.-out./2019.

LIMA, Cledson Severino de; REIS, Maria da Conceição dos. Afrocentricidade e Educação: um legado epistêmico para estudantes negros(as) na sociedade brasileira. *Revista Semana Pedagógica*, v. 1, n.1, 2018.

LIMA, Cledson Severino de. Teoria da Afrocentricidade e Educação: um olhar afrocentrado para a educação do povo negro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Programa de Pós-graduação em Educação, Recife, 2020.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. Filosofias africanas: uma introdução. 5ª Edição - Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2021

OLIVEIRA, Keila Estefany Danielle de. ONDE ESTÁ A DANÇA DA PRETAGOGIA?: Metodologia antirracista para criar e ensinar dança.- VOLUME 2, REVISTA CIDADE NUVENS, CENTRO DE ARTES-URCA, ISSN 2675 - 6420. 2022.

RÉGIS, Kátia; BASÍLIO, Guilherme. Currículo e Relações Étnico-Raciais: o Estado da Arte. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 33-60, maio/jun. 2018.